

SIMON SCARROW

INVICTUS

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



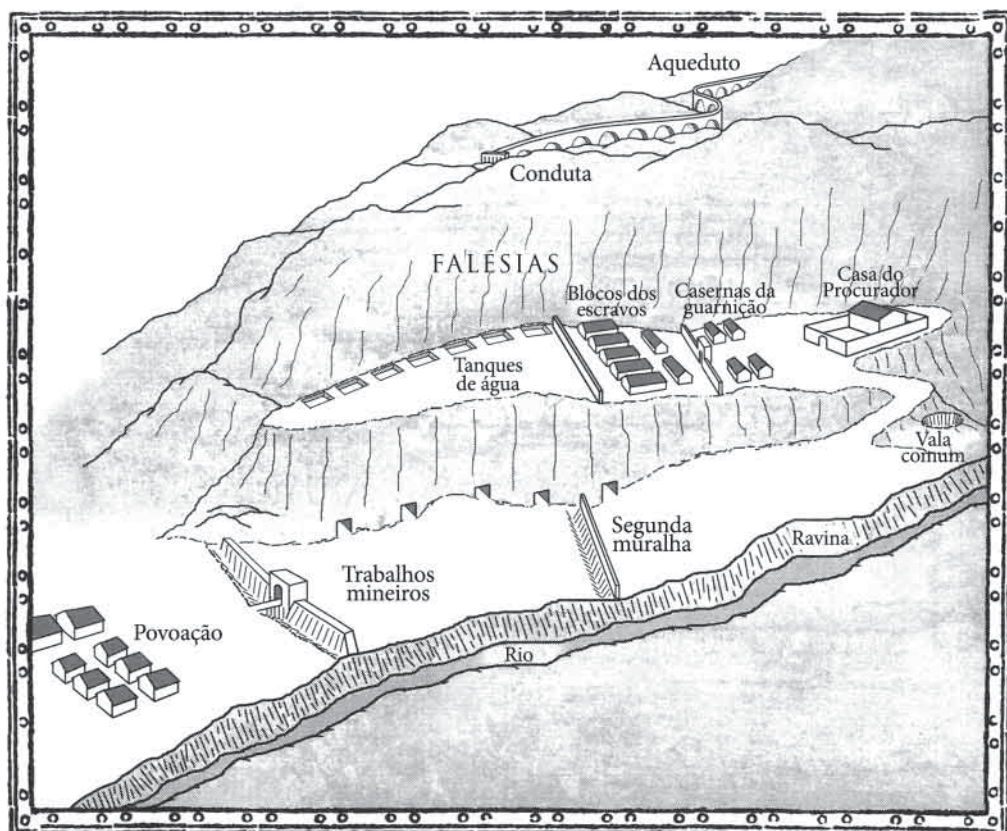
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Louise
LMLX

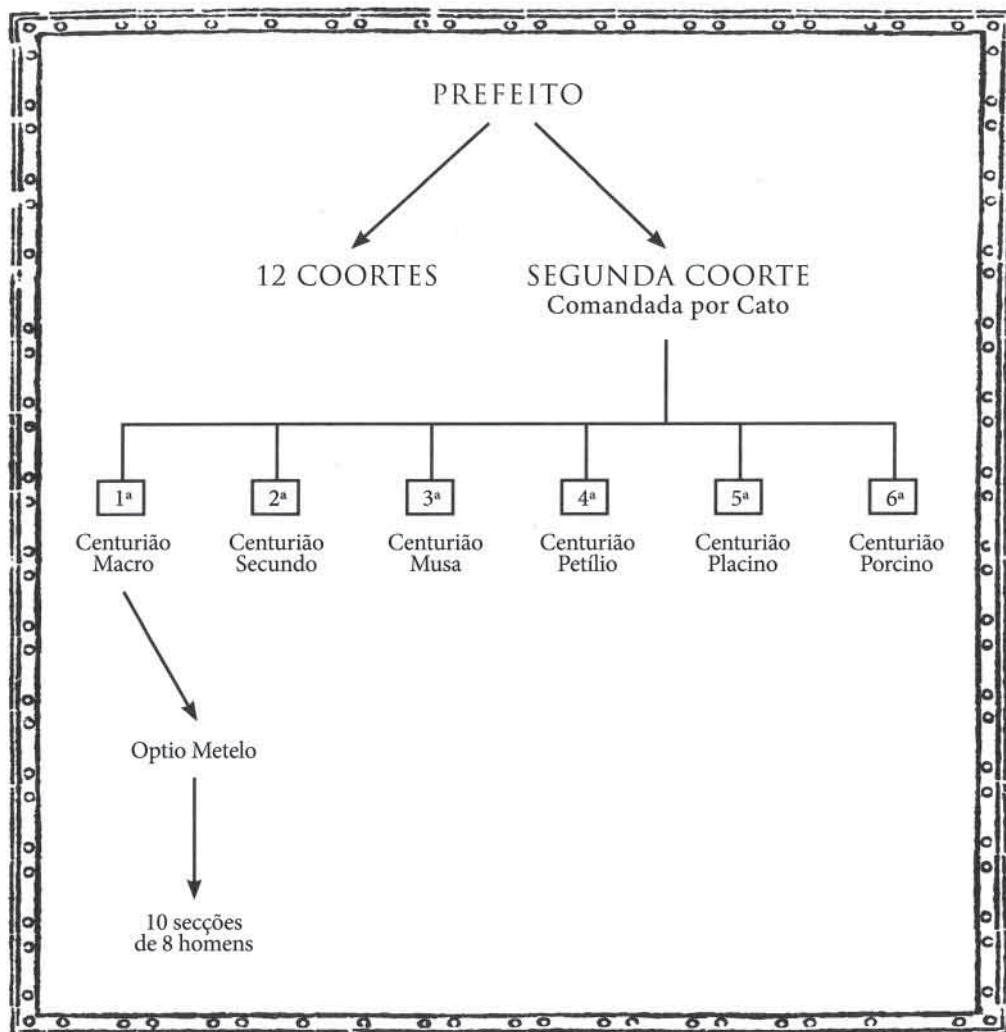
A HISPÂNIA EM 54 d.C.



A MINA IMPERIAL EM ARGENTIUM



CADEIA DE COMANDO DA GUARDA PRETORIANA



LISTA DE PERSONAGENS

Em Roma

Quinto Licínio Cato, prefeito
Lúcio Cornélio Macro, centurião
Imperador Tibério Cláudio Augusto Germânico
Agripina, a quarta esposa de Cláudio
Nero, filho de Agripina e sobrinho-neto de Cláudio
Britânico, filho de Cláudio e da sua terceira esposa, Messalina
Narciso, liberto imperial grego, apoiante de Britânico
Pallas, liberto imperial grego, amante de Agripina e apoiante
de Nero
Legado Aulo Vitélio, membro da facção de Nero
Senador Lúcio Aneu Séneca, um abastado proprietário rural
Lúcio Escabaro, estalajadeiro
Gaio Ganico, guarda pretoriano
Polidoro, mestre de cerimónias no Palácio Imperial

Na mina

Procurador Gaio Nepo, responsável pelo fornecimento de
prata ao Imperador

Segunda Coorte Pretoriana

Tribuno Aulo Valério Cristo
Centuriões Placino, Secundo, Porcino, Petílio, Musa, Pulcher
Gaio Getelo Cimber, magistrado da povoação de Lancia
Metelo, optio de Macro
Sentíaco, optio de Petílio
Pasterico, optio de Nepo

Coleno, optio da Quarta Coorte Pretoriana

Outros

Iskerbeles, líder rebelde

Carátaco, rei bretão da tribo dos catuvelaunos, prisioneiro

Júlia, a falecida esposa de Cato

Lúcio, filho de Cato e Júlia

Senador Semprônio, pai de Júlia

Petronella, ama de Lúcio

Amatapo, mordomo da casa de Júlia

Tito Pelónio Aufídio, magistrado de Asturica Augusta

Caleco, rebelde

Públio Balino, governador da Hispânia Tarraconense

Caio Gleco, chefe da guilda dos mercadores de azeite

Mico Ecleu, mercador de escravos

Gaio Hétio Gordo, magistrado de Antium Barca

Nas garras do destino e seus estragos,
Sob os golpes que o acaso atira e acerta,
Nunca me lamentei — e ainda trago
Minha cabeça — embora em sangue — ereta.

Além deste oceano de lamúria,
Somente o Horror das trevas se divisa;
Porém o tempo, a consumir-se em fúria,
Não me amedronta, nem me martiriza.

Extracto de “Invictus”,
poema de William Ernest Henley¹

¹ Tradução de *casadacultura.org*, atribuída a André C. S. Masini, 2000.

PRÓLOGO

Província da Hispânia Tarraconense, princípio do verão, 54 d. C.

A piscar os olhos, o prisioneiro estava a ser conduzido para uma área banhada pelo sol brilhante, no fórum que ocupava o coração da cidade de Asturica Augusta, ao mesmo tempo que se ouviam os gritos de fúria da numerosa multidão. Tinha sido mantido acorrentado numa das escuras e húmidas celas por baixo do edifício do Senado local durante mais de um mês, enquanto esperava que o magistrado romano regressasse da sua propriedade rural e pronunciasse a sentença. Agora, o magistrado aguardava nos degraus do Senado, pronto a enunciar o julgamento, rodeado pelos outros notáveis da cidade, todos eles envergando as suas melhores togas e túnicas ornamentadas. Mas nas mentes da turba, e na do prisioneiro, havia poucas dúvidas quanto ao destino que o esperava.

Iskerbeles tinha atacado e matado o funcionário que fora à sua aldeia exigir a entrega de escravos para substituir o pagamento de uma dívida a um tremendamente abastado senador de Roma. Matara o homem à frente de centenas de testemunhas e dos soldados auxiliares que escoltavam o desafortunado liberto enviado para proceder à cobrança da dívida. Pouco importava que o dito funcionário tivesse acabado de dar ordens para que fossem arrebanhadas dez das crianças da aldeia, e que o golpe tivesse sido desferido num momento de fúria. Iskerbeles era um homem de físico poderoso, com olhos escuros e ferozes por baixo de uma testa sólida. Tinha atingido o liberto na face, forçando o homem a tombar para trás, e isso levava-o a rachar o crânio na esquina de uma calha de pedra, e a perder a vida. Fora uma cruel partida do destino, que ainda mais cruel se tornara quando o oficial que comandava os auxiliares tinha ordenado aos seus homens que fizessem o chefe da aldeia prisioneiro, e que pegassem nas crianças. Mas enquanto estas iam ser levadas e vendidas como escravas, Iskerbeles tinha como destino o julgamento por assassínio e a condenação a uma execução pública.

A última visão que tivera da esposa fora a do desespero que tomara conta dela, enquanto abraçava as suas duas jovens filhas e soluçava nas dobras da

túnica. Um dia de marcha tinha conduzido os cativos até Asturica Augusta, onde Iskerbeles fora acorrentado e atirado para uma cela, enquanto as crianças tinham sido agrilhoadas e reunidas a uma coluna de condenados que iam ser vendidos no grande mercado de escravos na capital provincial, em Tarraco. No tempo que passara no calabouço quase tinha morrido de fome, e os pesados anéis de ferro que lhe rodeavam os pulsos haviam-lhe provocado dolorosas nódoas negras. O cabelo estava empastado, e de tal forma coberto pelos seus próprios excrementos que os dez guardas que o escoltavam se mantinham à distância e lhe davam toques com as pontas das lanças para o fazer avançar aos trambolhões pelo meio da multidão, até à base das escadas. Os gritos de raiva dos habitantes locais, e dos que tinham vindo dos campos em redor, começaram a diminuir quando viram o estado lamentável em que se encontrava; quando, por fim, o fizeram parar junto às escadas, um silêncio pesaroso tinha-se instalado no fórum. Até os que ocupavam as bancas de comércio do outro lado do recinto interromperam os seus afazeres e espreitaram para o Senado, reféns da tensa atmosfera reinante.

— Endireita-te, tu! — instou um dos guardas, enquanto usava a ponta da espada para acertar no fundo das costas do prisioneiro. Iskerbeles cambaleou meio passo para a frente, e depois empertigou-se, numa pose de desafio, e encarou o magistrado com evidente ódio. O centurião que liderava a escolta limpou a garganta e pronunciou, na sua melhor voz de parada, de forma a que todos os que estavam no fórum o conseguissem escutar.

— Muito honorável Tito Pelónio Aufídio, magistrado de Asturica Augusta, aqui te apresento Iskerbeles, o chefe da aldeia de Gaupacina, para que pronuncies sobre ele julgamento pela acusação de assassinio de Gaió Democles, agente do senador Lúcio Eneus, de Roma. O assassinio ocorreu nos idos do mês passado, e foi testemunhado por mim mesmo e pelos homens da escolta designada para a proteção de Democles. O prisioneiro aguarda o teu julgamento.

O centurião baixou a cabeça num movimento preciso e rápido, e deu um passo ao lado enquanto o magistrado descia alguns degraus de forma a destacar-se dos outros senadores locais e dos funcionários superiores da cidade, mas a manter-se ainda num plano superior ao da multidão reunida aos seus pés. Aufídio assumiu uma expressão de desdém no rosto, enquanto contemplava as faces da população. Não havia como não perceber a hostilidade que dali provinha. Pelas vestes pouco cuidadas e cabelos desgrenhados de muitos, deduziu que o povo da aldeia do prisioneiro estava espalhado por entre a gente da cidade, e não receberiam de bom grado o que se ia seguir. Talvez houvesse

confusão, decidiu o magistrado, e sentiu-se aliviado por ter tomado a precaução de mandar colocar o resto das tropas auxiliares em estado de prontidão na rua que ladeava o Senado local. Apesar de o primeiro Imperador, Augusto, ter declarado a Hispânia pacificada havia quase cem anos, essa situação tinha sido alcançada ao fim de dois séculos de duros conflitos. Havia ainda algumas tribos no Norte que se recusavam a reconhecer o domínio romano, e muitos outros que, na melhor das hipóteses, eram recalcitrantes nessa aceitação, e dificilmente encontrariam motivos de maior satisfação do que livrarem-se do jugo romano que tamanho peso lhes impunha. De facto, refletiu Aufídio, era surpreendente que um povo tão orgulhoso e tão dado à atividade guerreira alguma vez tivesse aceitado a Pax Romana. Muito simplesmente, a paz não fazia parte da sua natureza.

E era mesmo por isso que tinham de ser governados com um bastão de ferro. Enrugou as sobrancelhas, o que lhe acentuou o ar severo.

— Não há qualquer dúvida de que cometeste o crime. Houve inúmeras testemunhas do facto. Sou portanto forçado a pronunciar uma sentença capital. Contudo, antes de o fazer, em nome da justiça romana, ofereço-te, como a todos os condenados, uma última oportunidade de pedires perdão pelas tuas ações, e fazeres a tua paz com o mundo antes de passares para as sombras. Iskerbeles, tens algumas palavras finais?

A queixada do chefe da aldeia moveu-se, e ele inspirou profundamente antes de responder numa voz clara e distinta:

— Justiça romana? Cuspo na justiça romana!

O centurião ergueu o punho e preparou-se para desferir um golpe, mas o magistrado deteve-o com um gesto.

— Não! Deixa-o falar. Deixa-o condenar-se ainda mais aos olhos da lei e perante toda esta gente!

O soldado voltou à sua posição original com evidente relutância, e Iskerbeles retorceu os lábios com desprezo, antes de prosseguir.

— A morte daquele maldito filho da puta do liberto foi apenas justiça natural. Ele veio à nossa aldeia para nos roubar o cereal, o azeite e tudo o que possuíssemos de algum valor. Quando recusámos as suas exigências, ele ameaçou levar as nossas crianças. Pôs as mãos num filho da nossa aldeia, e portanto eu bati-lhe e matei-o. Por acidente, não por deliberação.

Aufídio abanou a cabeça.

— Pouco importa. A vítima estava a agir no quadro dos seus deveres legais. A cobrar uma dívida que era devida ao seu senhor.

— O mesmo senhor que fez um empréstimo à nossa aldeia quando as

colheitas falharam, há três anos, e depois aumentou os juros em cada aniversário desse empréstimo, de modo a que nunca lhe pudéssemos pagar todo o montante.

O magistrado encolheu os ombros.

— Pode ser que sim, mas isso é perfeitamente legal. Tinhas um acordo com o senador Eneus, através do seu agente. Conhecias os termos antes de apores o teu selo no documento em nome do teu povo. Portanto, o senador age dentro dos seus direitos ao exigir o pagamento por completo.

— Completo, mais os juros. Num montante que era metade do empréstimo original. Como podemos nós pagar-lhe? E não estamos sós no papel de vítimas desse miserável cão. — Iskerbeles rodou para se dirigir à multidão. — Todos vocês conheciam o homem que matei. O vil Democles, que burlou não apenas o povo da minha aldeia, mas praticamente todas as aldeias desta região. Os seus homens já tinham apreendido centenas de pessoas da nossa tribo quando eles não conseguiram pagar as dívidas ao seu senhor. Muitos foram condenados a trabalhar nas minas, nas colinas. E aí ficarão até morrerem de exaustão, ou ficarem enterrados vivos nos túneis que são escavados por baixo delas. Ninguém aqui presente precisa que lhe sejam lembrados os horrores dessas minas!

Aufídio sorriu.

— E ainda assim, pareces determinado em recordar-lhes essa situação. O destino dos que são condenados às minas é bem conhecido, Iskerbeles. E é uma punição bem merecida para todos aqueles que violam as leis.

— Ah! Falas de lei. A lei que os nossos senhores romanos nos impõem. A lei que pouco mais é do que uma forma de justificar o roubo do nosso ouro, da nossa prata e das nossas terras, casas e liberdade. A lei romana é uma afronta à natureza, uma praga que nos afeta até à última fibra da nossa dignidade. — Fez uma pausa para lançar um olhar irado à turba. — Quem aqui é uma criatura tão vil que se sinta capaz de aguentar esta vergonha? Serão todos cães sarnentos, forçados à baixeza de suplicar por migalhas e lamber as botas daqueles que vos chicoteiam e vos fazem passar fome para vos submeter? Não haverá aqui quem se erga contra a tirania de Roma...? Ninguém?

— Abaixo Roma! — lançou uma voz no seio da turba. Rostos rodaram e olharam em volta. Outra voz fez seu o mesmo brado, e outras se lhe juntaram. E então um homem perto da frente da turba agitou o punho e gritou:

— Morte a Aufídio!

Era um homem de constituição poderosa, com uma careca no cimo do crânio. Tinha enrolada em volta do corpo uma capa de pastor; ergueu o punho no ar e começou a entoar um cântico a que os seus vizinhos se juntaram.

O magistrado encolheu-se como que por instinto e recuou meio passo perante o protesto, antes de se virar rapidamente para o centurião.

— Executa a sentença. Leva-o daqui! Imediatamente!

O centurião assentiu e limpou a garganta.

— Escolta! Cerrar fileiras em torno do prisioneiro!

Os auxiliares empunharam escudos e lanças e formaram um painel compacto em torno de Iskerbeles, enquanto o centurião pegava na ponta solta da corrente que saía do pescoço do prisioneiro e lhe dava um puxão para o conduzir para longe daquela área.

— Vamos lá.

Começaram a seguir ao longo dos primeiros degraus na base do Senado e prosseguiram, circundando o fórum até chegarem à via que conduzia ao portão oriental da cidade. Para lá deste, havia uma colina baixa de encostas suaves, em cuja crista se procedia à execução dos criminosos locais. Ao erguer o olhar por cima dos telhados da povoação, Iskerbeles avistou as diminutas figuras do grupo que tinha sido enviado previamente para escavar um buraco onde erigir a estrutura de madeira na qual ele seria crucificado. Nesse momento sentiu um novo e brusco puxão na corrente, e foi obrigado a entrar pela rua estreita que o centurião começara a seguir. Tal como na maior parte das povoações estabelecidas pelos romanos, as vias principais de Asturica Augusta eram ladeadas por pequenas lojas, e por cima destas existiam andares onde se acomodava a crescente população da cidade.

O centurião soltou uma ordem para que os ocupantes da rua abrissem caminho, e os locais apressaram-se a afastar-se, as mulheres a pegar nas crianças e os mais idosos a saírem do meio da rua para o passeio. Por trás da escolta e do prisioneiro, a turba meteu também pela mesma rua, e os gritos de revolta ficaram aprisionados entre as paredes que se erguiam dos dois lados e tornaram-se quase ensurdecedores, enchendo o ar. O centurião lançou um olhar sobre o ombro ao prisioneiro e torceu o nariz.

— Essa tua malta depressa vai perder o pio quando te vir pregado na cruz e espetado ao ar.

Iskerbeles não ripostou à provocação, preferindo concentrar-se em manter-se de pé enquanto era arrastado pela rua de piso irregular. Ao seu lado, os auxiliares negociavam a passagem por entre os mirones que enchiam os passeios.

— Qual é a história desse? — perguntou um velhote mirrado ao centurião.

— Não tens nada a ver com isso — ripostou o centurião, com maus modos. — Saiam da frente!

— É o Iskerbeles — informou uma mulher gorda ao ancião.

— Iskerbeles? O chefe Iskerbeles?

— Esse mesmo, pobre alma, vai ser executado. Por ter matado um agiota.

— Executado? — O velhote escarrou na sarjeta, aos pés do auxiliar mais próximo. — Isso não é crime algum. Ou pelo menos não devia ser.

A mulher levantou os punhos.

— Libertem-no! Cães romanos. Libertem-no!

Os que a rodeavam depressa começaram a ecoar-lhe o grito, que se espalhou ao longo da rua e ocupou as gargantas da turba que seguia o pequeno grupo de soldados. Rapidamente o som ensurdecedor do seu próprio nome chegou aos ouvidos de Iskerbeles e da sua escolta, e o chefe tribal não escondeu um pequeno sorriso satisfeito, apesar de estar a ser conduzido a uma morte agonizante. Os membros da sua tribo e muitos dos nativos que tinham decidido viver nas cidades continuavam a albergar um espírito de resistência ao invasor que tinham combatido ao longo de muitas gerações. A paz que os romanos haviam proclamado trazia com ela o preço de se verem esmagados debaixo da bota romana, e Iskerbeles orou à deusa Atecina para que ela libertasse a sua fúria contra Roma e inspirasse os seus seguidores a matar e queimar os invasores, e a empurrá-los de volta para o mar.

A curta distância mais adiante, vários jovens tinham saído de uma estalagem para ver o que estava a causar os distúrbios. Ao observá-los, Iskerbeles reparou nas suas impecáveis túnicas e rostos bem barbeados, e identificou-os com facilidade: eram os rebentos das mais abastadas famílias da cidade, que havia muito se tinham aliado aos invasores e adotado ares e graças romanos com todo o entusiasmo. Alguns dos jovens traziam taças de cerâmica na mão, e o mais próximo da coluna ergueu a sua num brinde, enquanto lançava um brado:

— Morte aos assassinos! Bebo à morte do Iskerbeles!

Alguns dos seus companheiros deitaram-lhe um olhar ansioso, mas os outros repetiram o brinde e gozaram com o prisioneiro que se aproximava. Num instante, a mulher gorda virou-se contra eles e, levantando a bainha da sua saia rasgada, correu pelo pavimento e aplicou com a mão pesada uma forte bofetada no líder do grupo.

— Bêbado idiota.

O homem podia estar inebriado, mas aparou bem o golpe e sacudiu a cabeça para a clarear antes de cerrar o punho direito e desferir um soco na cara da mulher, partindo-lhe o nariz e fazendo com que um fio de sangue vivo começasse a escorrer-lhe das narinas.

— Cala essa boca, megera. A não ser que prefiras juntar-te ali ao teu amigo quando o crucificarem.

A mulher levou a mão ao nariz, olhou para o sangue na palma da mão e soltou um guincho agudo enquanto se atirava ao jovem, com os punhos a esvoaçar.

— Sacanas! Cabrões! Sugam-nos até ao tutano!

Os gritos dela eram tão altos que os mais próximos elementos da turba se calaram e ficaram a olhar para a cena. Num instante adivinharam a natureza do embate, e houve um movimento geral na direção da estalagem, para se juntarem a ela no ataque aos jovens que se tinham tornado os símbolos das causas da sua miséria. Os punhos agitaram-se, cabelos foram puxados, os insultos voaram, e os pés desferiram pontapés num frenesim de ira à solta. A confusão espalhou-se e ocupou a rua, à frente do prisioneiro e da sua escolta. O centurião deteve-se e deixou escapar um suspiro fatigado.

— Ora foda-se... Era mesmo disto que eu precisava agora. — Passou a corrente a um dos seus homens e alçou a sua vareta bem grossa. — Mantenham a formação cerrada enquanto atravessamos esta malta. E não quero ver ninguém arrastado para a refrega. Deem-lhes uns piparotes se eles se meterem à vossa frente, mas mais nada. Eles já estão muito excitados, e não precisam que um de vocês se arme em esperto e lhes dê motivo para mais. Entendido? Portanto, mantenham-se juntos, e vamos para a frente.

Apontou para a rua com a vareta e recomeçou a marcha com um passo lento e decidido. Quando o grupo de romanos se aproximou da orla da violenta confusão, o centurião ergueu a vareta e gritou:

— Abram caminho!

Um homem só com um braço olhou em volta, nervoso, e esgueirou-se para a berma da rua, mas os outros continuaram a lutar sem lhe dar atenção.

— Muito bem — resmungou o centurião. Levantou a vareta e fê-la descer com toda a força sobre os ombros do mais próximo dos envolvidos na zaragata. A vítima mergulhou na multidão com um grunhido de dor, enquanto o oficial desferia outra pancada, desta vez batendo com a ponta grossa da vareta no fundo das costas de uma mulher. Ela caiu de joelhos, e ele afastou-a com uma mão, avançando para o espaço aberto. Só precisou de mais uns golpes para que toda a gente se apercebesse do perigo e se esforçasse por sair do seu caminho. Os soldados seguiram-no, empregando os escudos para forçar a passagem pelo meio da barafunda; Iskerbeles fazia o possível por se manter de pé enquanto era empurrado de um lado para o outro pela multidão. Quando se libertaram da confusão, chegaram a um cruzamento, e um movimento súbito de um dos

lados chamou a atenção do chefe tribal. Ao olhar para a rua perpendicular, avistou um pequeno grupo de homens de capas castanhas-escuras a correr pela rua que seguia um curso paralelo àquela em que caminhava. Mas depressa desapareceram.

Um súbito puxão na corrente trouxe-o de volta à realidade, enquanto escutava o grunhido do auxiliar encarregado de o vigiar.

— Mexe-me esse cu.

O soldado falava o dialeto local com um ligeiro sotaque, e Iskerbeles contemplou-o com atenção.

— Tu não és romano. És do Leste da província, não és?

O auxiliar encolheu os ombros.

— De Barcino.

— Portanto, és um de nós. Porque é que serves estes cães romanos? Não queres ser livre?

— Livre para ser o quê? — O soldado largou uma gargalhada sem humor.

— Um camponês de cu peludo a arrancar a vida a uma parcela merdosa de terreno? Se é essa a tua liberdade, podes ficar com ela todinha.

Os olhos de Iskerbeles semicerraram-se.

— Não tens coração? Não tens orgulho? Nem vergonha?

— A única vergonha que sinto é a de ter que ouvir as tuas lamentações merdosas. — O soldado deu outro puxão à corrente. — Portanto, meu amigo, fecha a cloaca, e poupa-me aos teus sermões.

Depois de se livrar da turba, o centurião acelerou o passo, e quando a rua fez uma curva para a esquerda para circundar um pequeno templo, o portão da cidade surgiu à vista. As sentinelas que o guarneciam deram sinal de vida assim que avistaram um oficial, e colocaram-se em sentido quando ele se aproximou. Ao contrário dos auxiliares, não eram propriamente soldados, apenas homens recrutados pelo Senado local para cobrar a portagem de entrada na cidade. Estavam equipados com as armas e armaduras que se podiam arranjar ao preço mais barato, de forma a terem um aspeto militar. O centurião mal lhes prestou atenção enquanto conduzia o esquadrão pela sombra do portão, saindo para o sol brilhante do terreno no exterior da muralha da cidade. A estrada era pavimentada durante alguns quilómetros, e depois transformava-se num trilho poeirento que seguia por entre as colinas da região. Havia uma fila de vagões de mercadores e mulas pesadamente carregadas, conduzidas por camponeses, à espera de entrar na povoação; nenhum deles prestou grande atenção à coluna que conduzia o prisioneiro e passava por eles. Um comerciante de cavalos e os seus companheiros conduziam uma manada no fim da fila, e o centurião

deitou um olhar invejoso aos animais, enquanto os comparava com as montanhas de fraca qualidade que a sua coorte se via obrigada a utilizar.

A curta distância do portão, um trilho separava-se da estrada e levava até ao cimo da colina que era usada para as execuções, e o centurião e os seus homens subiram-no, na direção do grupo de trabalho que os aguardava. A um dos lados, encontravam-se vários habitantes locais, à espera para assistir ao espetáculo, e os que tinham estado sentados levantaram-se ao notarem a aproximação do condenado e da sua escolta. Iskerbeles sentiu o estômago a contrair-se num nó doloroso quando viu as vigas cruzadas sobre o chão, junto ao pequeno monte de terra e pedras extraídas do solo para lá colocar a base do poste. Até ali tinha conseguido esconder os seus sentimentos, e agora via-se forçado a cerrar os dentes, determinado a não se deixar desmascarar pelos seus inimigos. Seria bem melhor esconder o medo e a dor, e mostrar desdém e desprezo por Roma, até ao seu derradeiro suspiro. Que os locais assistissem a isso, e que todos os que continuavam a lutar contra o invasor se sentissem revigorados pelo seu exemplo.

— Toca a mexer! — gritou o centurião aos trabalhadores, enquanto rodava ligeiramente para indicar Iskerbeles. — Aqui está o vosso cliente. Tratem de o pregar depressa e bem, e podemos todos ir à nossa vida.

O decurião que comandava o grupo de trabalho acenou à laia de compreensão e virou-se para dar uma ordem aos seus homens, ainda instalados sobre as vigas da cruz, com as ferramentas usadas na preparação da execução espalhadas pelo chão. Estavam sentados de costas para os auxiliares, e nem se deram ao trabalho de se mexer quando escutaram as botas cardadas a esmagar o solo cozido pelo sol.

— De pé, porra, já disse! — gritou o centurião, enquanto se adiantava, a vareta já levantada para castigar o mais próximo dos homens que tinham desafiado a sua ordem inicial. Nesse momento apercebeu-se da mancha escura de sangue seco ao lado do poste do crucifixo. Havia outras manchas espalhadas pelo chão. Deteve-se de súbito, um arrepio frio a eriçar-lhe os pelos na base do crânio. Notou então os pés nus que saíam da base de um afloramento rochoso próximo, e passou imediatamente a vareta para a mão esquerda enquanto desembainhava a espada.

— Emboscada! Às armas!

Antes que os seus homens, espantados, pudessem responder, o decurião soltou um brado na língua nativa e os homens do seu grupo levantaram-se de um salto, de espadas e lanças aperradas, e correram sobre os soldados da escolta. Os mirones que tinham estado de lado a ver também afastaram as capas, revelando

mais armas. Também eles se lançaram sobre os auxiliares sem pronunciar uma palavra. Iskerbeles, que ainda havia pouco se debatia a tentar reunir a coragem para enfrentar sem fraquejar a perspectiva de ter pulsos e tornozelos trespassados por cravos de ferro, sentiu uma euforia súbita perante a hipótese da salvação. O homem que tinha estado a fingir ser o decurião que comandava o grupo da execução avançou à frente dos seus homens, procurando atingir o centurião com a espada que descrevia um arco selvagem. Mas o adversário era um profissional consumado, que tinha treinado muitos anos para momentos daquele género. Agachou-se e aparou o golpe, e usou de imediato a vareta para atingir o outro na cabeça; apesar de não ter conseguido um golpe em cheio, obrigou-o a recuar. O oficial dos auxiliares olhou para os seus homens.

— Cerrar fileiras!

O choque perante a emboscada dissipou-se rapidamente e os soldados ergueram os escudos e baixaram as pontas das lanças, preparando-se para enfrentar a ameaça que vinha de duas direções. O homem que fora encarregue de segurar na corrente do prisioneiro hesitou, inseguro sobre se devia largá-la e juntar-se aos camaradas ou continuar a guardar o prisioneiro. Iskerbeles levantou as mãos num gesto súbito, arrancou a corrente das mãos do auxiliar e fez voar o metal pelo ar, atingindo o capacete do outro. O choque metálico fez o soldado recuar com uma expressão atarantada, embatendo nas costas de um dos seus camaradas e quase fazendo cair ambos. Abriu-se uma brecha entre dois dos auxiliares, e Iskerbeles cerrou os punhos e correu para a abertura a toda a velocidade que a corrente que ligava os dois aros que tinha em torno dos tornozelos lhe permitia. Lançou o ombro direito à frente, empurrou para o lado um dos membros da escolta e tentou correr alguns passos, mas a corrente fê-lo tropeçar, e ele esparramou-se no solo a não mais de três metros dos soldados romanos.

O centurião apontou-o com a vareta.

— Não deixem esse cabrão escapar!

Um dos seus homens correu e puxou atrás o braço com a lança, pronto a golpear. Iskerbeles rebolou sobre a terra enquanto erguia as mãos numa vã tentativa de desviar o golpe. Piscou os olhos ao contemplar o recorte do soldado, negro contra o céu brilhantemente iluminado. Nesse momento, outro vulto escuro embateu contra o auxiliar e lançou-o por terra com um estrondo, provocado pelo embate do escudo do soldado no solo pedregoso. Pelo canto do olho, Iskerbeles viu uma lâmina subir e desferir três golpes, antes de uma mão lhe pegar no braço e o levantar; contemplou o rosto sorridente do homem que tinha apelado à morte de Aufídio no seio da multidão.

— Bons olhos te vejam, Caleco, meu amigo.

— Cumprimentos, depois — soltou o homem, ofegante. — Primeiro, matar os romanos.

Ajudou Iskerbeles a colocar-se a uma distância segura e correu de volta ao grupo envolvido na refrega ao cimo do outeiro. No meio da poeira já havia alguns homens derrubados, e três deles eram soldados. Os seus camaradas combatiam agora costas com costas, junto ao centurião. Mas estavam em grande desvantagem numérica, e a selvajaria destemida dos atacantes não permitia outro desfecho. Um a um foram separados, derrubados e aniquilados num frenesim de golpes de espadas e estocadas de lanças, até que só o centurião e dois dos seus homens ainda sobreviviam, agachados e de olhar atento aos homens que os rodeavam, de armas aperradas, prontos a enfrentar qualquer ataque. Como que de comum acordo, os dois lados afastaram-se ligeiramente, e os vinte e tal assaltantes ainda de pé estabeleceram um anel em torno dos três auxiliares, mantendo-se a uma distância de duas espadas. Todos estavam esbaforidos, e procuravam recuperar o fôlego para prosseguir a contenda.

— Larguem as armas! — intimou Iskerbeles.

Os lábios do centurião arreganharam-se com desdém mas, antes que pudesse responder, um dos seus homens deixou cair a espada e largou o escudo, que caiu ao lado da lâmina. O seu camarada olhou para o centurião por momentos, mas resolveu imitá-lo.

O centurião fungou.

— Cobardes de merda...

— Rende-te! — ordenou Iskerbeles. — Agora mesmo, ou morres!

O oficial rangeu os dentes, ainda a rodar lentamente para cobrir todos os ângulos, enquanto os dois sobreviventes do grupo da escolta se afastavam dele. Suspirou, frustrado, enquanto se endireitava e lançava a espada e a vareta aos pés de Iskerbeles.

— Podes escapar por agora, mas depressa estaremos no teu encalço, e todos vocês serão apanhados como cães.

— A sério? — Iskerbeles sorriu. — Veremos isso. Caleco, tira-me estas correntes.

O outro homem aproximou-se e extraiu os pinos do aro do pescoço e das algemas das duas mãos, antes de se dobrar para fazer o mesmo aos aros em volta dos tornozelos do seu chefe. Iskerbeles massajou com cuidado os vergões vermelhos que se lhe tinham formado na pele, enquanto contemplava os outros homens da sua aldeia.

— São doidos, todos vocês. Os romanos teriam ficado satisfeitos com o meu sangue, em troca da morte do agiota. Agora, vão querer matar-nos a todos.

— Só se tiverem ocasião para isso. — Caleco riu-se. Espetou um dedo na direção dos três auxiliares. — E se todos eles combaterem como estes cobardes de fígados pálidos, não temos nada com que nos preocupar.

Iskerbeles fez uma careta.

— Eles têm homens muito melhores do que estes para enviar contra nós. Não se enganem quanto a isso. Se começarmos agora a luta contra Roma, será uma luta até ao fim. Só poderemos triunfar se conseguirmos sobreviver durante o tempo suficiente para inspirar as outras tribos e conseguir que se unam a nós. — Fez uma pausa para deixar que as suas palavras seguintes produzissem todo o efeito possível. — As possibilidades estão contra nós. Nós, e todo o nosso povo. Os romanos não se contentarão em perseguir-nos apenas a nós. Virão atrás de toda a gente. Das nossas mulheres e filhos também. Meus amigos, estão preparados para enfrentar tudo isto? Pensem cuidadosamente nisso.

Caleco lançou a cabeça para trás e riu, antes de responder.

— Achas que não falámos disso tudo? Todos e cada um de nós. Fizemos um juramento de que te libertaríamos, chefe Iskerbeles. Tu nos conduzirás à vitória ou à morte.

Iskerbeles sugou o ar enquanto contemplava os rostos expectantes à espera da sua reação. Só então abanou a cabeça.

— Loucos... Que assim seja, então. Até à vitória, ou até à morte.

Caleco lançou o braço com a espada ao ar, e um grito soltou-se dos seus lábios. Os outros imitaram-no, enquanto Iskerbeles rolava o pescoço e fletia os músculos. Abaixou-se para pegar na espada do centurião e examinou a arma. Era bem equilibrada, e o punho de marfim estava bem polido pelo uso. A lâmina estava cuidada e tinha um gume afiado, e ele assentiu em aprovação enquanto acenava ao centurião.

— Conheces bem o teu mister.

— Conheço, sim. E sei também que daqui a pouco tempo a terei de volta. Por Mitra, juro-o.

— Romano, ele não virá ajudar-te. Os nossos deuses cuidarão disso. E se tal não funcionar, eu e os meus amigos trataremos do assunto.

O centurião fungou, pouco impressionado.

— Vocês? Não passam de um bando de camponeses que fedem a merda de cabra e suor. Desta vez apanhaste-nos de surpresa, admito, mas para a próxima estaremos prontos, e nessa altura verás o que podem realmente os soldados romanos.

— Talvez. — Iskerbeles olhou na direção do portão da cidade e notou que as sentinelas tentavam perceber o que se passava no cimo da colina, pondo as mãos em pala nos olhos. Uma delas virou-se de repente e correu pelo portão, para dar o alarme.

— Será melhor irmo-nos daqui. Temos de chegar às colinas antes que mandem alguém atrás de nós.

— Já pensei nisso. — Caleco virou-se para a estrada e fez um sinal com a mão, agitando-a de um lado para o outro. De imediato, os homens que tinham estado a fingir que eram comerciantes de cavalos saltaram para as selas e conduziram os animais pela encosta acima. — Estaremos a quilómetros daqui antes que eles levantem aqueles gordos traseiros de romanos e deem início a uma perseguição.

— Bem pensado. — Iskerbeles sorriu, com ar aprovador. Mas a sua expressão endureceu rapidamente. — Mas depois, o que será de nós? Vão queimar a nossa aldeia de cima a baixo, é certo. Teremos que pegar nas mulheres e nas crianças e esconder-nos nas montanhas.

O seu camarada encolheu os ombros.

— Não será fácil, mas nós conhecemos o território. Sobreviveremos.

— Sobreviver? — O sobrolho de Iskerbeles franziu-se, enquanto ele pensava. — Não. Sobreviver não chega. Não vou permitir que o nosso povo viva a ser constantemente perseguido como um bando de cães famintos. Isso não é digno de nós. Meus amigos, temos que lhes dar uma causa pela qual valha a pena combater. Temos que levantar o estandarte da tribo e apelar a todo o nosso povo para se erguer e combater Roma. Se não conseguirmos expulsá-los da nossa terra, nunca deixaremos de ser apenas os seus escravos.

— Achas que podemos mesmo enfrentar Roma? — As sobrancelhas de Caleco arquearam-se, denunciando a surpresa perante a aspiração do seu chefe. Baixou a voz para não poder ser ouvido pelos outros homens. — Perdeste o juízo? Não conseguimos derrotar Roma.

— Porque não? Não seríamos o primeiro povo da Hispânia a tentá-lo. E, se ganharmos, aposto que não seremos o último. Viriato e Sertório estiveram muito perto da vitória. Só falharam por terem sido traídos. Eu não cometerei o mesmo erro. — Os olhos do chefe brilhavam de fúria. — Além disso, a província está madura para a revolta. O nosso povo não é o único a sentir-se esmagado debaixo da bota do inimigo. Há uma fome de revolta, e será esse apetite que vamos alimentar, meu amigo. O nosso exemplo dará coragem a todos os que odeiam Roma... Mas não é o momento de discutir este assunto. Mais tarde, depois de termos conduzido o nosso povo para lugar seguro.

Caleco anuiu, e estava a ponto de se voltar para os cavalos que se aproximavam quando se deteve e fez um gesto na direção dos três sobreviventes da escolta.

— E quanto a estes?

Iskerbeles contemplou o centurião e os seus camaradas por momentos, antes de decidir.

— Liquidem os soldados. Quanto ao centurião, seria uma pena não aproveitar a cruz e estes pregos...

1

Porto de Ostia, a um dia de marcha de Roma

— **A**migo, o que se passa ali? — indagou Macro o estalajadeiro, enquanto acenava na direção da turba inebriada ao fundo do bar, o qual ostentava o nome de “O Tesouro de Neptuno”. Vários homens conversavam em tons excitados, enquanto partilhavam um grande jarro de vinho. Um par de prostitutas do próprio bar tinham-se juntado à festa, e sentavam-se ao lado dos homens, tentando conseguir uns copos e depois mais algum trabalho, se tivessem sorte.

Sem responder à questão, o homem, um indivíduo de ar gasto, com uma pala sobre um dos olhos, fixou o seu olhar diminuído sobre o novo cliente, e lançou um palpite.

— Acabadinho de sair de um barco, não?

Macro anuiu em resposta, e acenou na direção do seu companheiro, alto e desengonçado, que usava a bainha da capa para limpar o assento de um banco junto à entrada. Cato conseguiu eliminar boa parte da porcaria peganhenta com um gesto rápido e decidido e sentou-se, expondo a silhueta contra a brilhante luz do exterior. A rua estava animada, e os gritos das gaivotas a voitar em busca de comida pelo brilhante céu azul sobrepunham-se ao burburinho de vozes e gritos dos vendedores ambulantes. Estava-se ainda a meio da manhã, mas o calor já era opressivo, e a sombra do interior da estalagem fornecia um agradável alívio do sol impiedoso.

— Isso mesmo. Precisamos de uma bebida antes de apanhar um barco que suba o Tibre até Roma.

— Barco? Há de ter muita sorte. Não há espaço nos barcos. Vai haver um feriado na capital, daqui a poucos dias. Por isso, todos os barcos já estão carregados, de vinho, guloseimas e turistas. Terá que ir pela estrada, meu amigo. Está sozinho?

— Não. Sou eu e ali o prefeito.

— Prefeito? — O olhar do homem arregalou-se, antes de se semicerrar enquanto calculava o lucro que podia obter com estes novos clientes. Não exibiam

grandes sinais das patentes que detinham, nem de terem os bolsos cheios. Os dois homens vestiam túnicas simples e as capas militares por cima. O mais baixo tinha calçadas umas sólidas botas militares, mas o seu companheiro, o prefeito, usava umas botas de pele de vitela, vermelhas e de aspeto caro. Os dois levavam ao ombro pequenas sacolas, cujas formas arredondadas denunciavam a presença de bolsas bem recheadas. O estalajadeiro resolveu lançar um sorriso, mostrando uma boca desdentada.

— É sempre um prazer servir senhores de tão elevada categoria. Portanto, ali está um prefeito, e quanto a si? A mesma patente?

— Eu? Não. — Macro devolveu-lhe o sorriso. — Eu trabalho para viver. — Bateu no peito. — Centurião Macro. Ultimamente na Décima Quarta Legião, a servir na Britânia, e antes disso na Segunda Augusta, a melhor legião de todo o exército. Então, voltando à questão, o que se passa? Toda a cidade parece estar muito animada.

— E porque não haveria de estar, senhor? Devia saber o motivo, como toda a gente, sobretudo estando de regresso da Britânia. É sobre o tal rei Carátaco, que tem dado tantas dores de cabeça aos nossos generais.

Macro suspirou.

— Não preciso que mo digam. O sacana era tão escorregadio como uma enguia, e tão feroz como um leão. Foi muito bom termos finalmente conseguido derrotá-lo. Mas o que há com ele? Da última vez que ouvi falar do Carátaco, as notícias diziam que ia ser enviado para Roma, bem acorrentado e enjaulado.

— E assim foi, senhor. Ele e a família têm estado presos na Mamertina nos últimos seis meses, enquanto o Imperador decidia o que havia de fazer com ele. Agora já está resolvido. O Cláudio decidiu fazer uma parada com eles pelas ruas de Roma, e levá-los ao templo de Júpiter, onde serão executados por estrangulamento. Vai ser uma festa e tanto. Sua Senhoria vai oferecer um festim a toda a cidade, e apresentar cinco dias de combates de gladiadores e corridas de quadrigas no Circo Máximo. — O homem fez uma pausa, e encolheu os ombros. — Evidentemente que Ostia vai ficar tão parada como um túmulo, quando isso suceder. Mau para o negócio. Portanto, tenho que aproveitar para vender tudo o que puder enquanto posso. O que vai desejar, senhor?

— O que é que tens de melhor? Merecemos uma boa pinga para celebrar o regresso a casa. Nada desse mijo aguado que vendes aos teus clientes habituais quando acabam de sair de um barco, sim?

O outro adotou um ar ofendido e respirou fundo antes de empertigar o pescoço, indignado.

— Senhor, o meu estabelecimento não é desses. Quero que saiba que Lúcio

Escabaro serve alguns dos melhores vinhos que se podem encontrar nos bares e similares de toda a Ostia.

O que não é grande coisa, pensou Macro. Aquele bar, tal como todos os outros que se apinhavam nas ruas próximas ao cais, desfrutava de um comércio ininterrupto com os recém-chegados ávidos de uma bebida, bem como com aqueles que precisavam de um último trago antes de partirem em viagem. E esse género de clientes tendia a preocupar-se mais com os efeitos do que com o sabor dos produtos que lhe eram fornecidos.

— Então — voltou a tentar. — Qual é o melhor que tens?

O outro acenou na direção de uma fila de ânforas na prateleira mais alta por trás do balcão.

— No mês passado recebi uma boa pinga que veio de Barcino.

— Boa colheita?

— Do melhor, senhor.

Macro anuiu.

— Então venha um jarro e dois copos. Limpos, sim? O prefeito tem as suas exigências.

O estalajadeiro franziu o sobrolho.

— Também eu as tenho, senhor. Alguma coisa para comer?

— Talvez, mais tarde. Quando o vinho nos tiver acalmado as barrigas, depois desta viagem desde Massilia. Apanhámos uma bela tempestade.

— Muito bem, senhor. Vou mandar uma das raparigas preparar alguma coisa apetecível, se precisarem de comida. E já agora, por falar em raparigas: são limpas, têm apetite, e conhecem todos os truques. A um preço justo.

— Estou certo disso. Pelo menos quanto às duas últimas qualidades que mencionaste. Não sobrevivi a três campanhas na Britânia para agora ser derubado por um esquentamento. Portanto, desta vez, vou dar descanso às tuas meninas, obrigado. Traz a bebida ali para a mesa.

Macro virou-se e dirigiu-se à mesa onde Cato se tinha instalado, as costas apoiadas ao reboco estalado e sujo da parede. A expressão do jovem era sombria, e Macro sentiu alguma pena do amigo. Havia poucos meses, ainda na Britânia, Cato tinha recebido a notícia da morte da sua esposa. O regresso a casa na capital ia reacender a terrível dor que tinha sofrido. Júlia era uma miúda adorável, refletiu Macro, e também ele sofria com a sua partida. Mas nem tudo estava perdido. Ela tinha dado à luz um rapaz que podia ainda oferecer algum conforto a Cato, quando visse o filho pela primeira vez. Pelo menos tinha isso, e algo dela viveria no jovem Lúcio. Obrigou-se a sorrir, enquanto se sentava diante de Cato.

— O vinho já aí vem. O melhor que este antro de pulgas nos pode oferecer. Vai ser bom lavar o sabor do sal da boca. Nunca fui grande adepto de viagens por mar. Sobretudo depois daquela vez em que naufragámos ao largo de Creta. Lembras-te?

— Como poderia eu esquecer?

Macro amaldiçoou-se em silêncio. Nesses tempos, Cato estava a viver os primeiros dias da sua paixão por Júlia. Apressou-se a mudar de assunto.

— Novidades interessantes. Acabo de as receber do estalajadeiro. Diz ele que o Cláudio decidiu liquidar o Carátaco e a família toda. É por isso que aquela malta ali ao fundo está a celebrar. O Imperador vai oferecer uma festa de arromba para celebrar o momento.

Cato respirou fundo.

— Uma execução? Não está de todo certo. Ele merece melhor sorte, mesmo que tenha sido nosso inimigo. Combateu de forma honrada. Executá-lo como se fosse um criminoso não oferece a Roma qualquer benefício. Quando essa notícia chegar às tribos que ele comandou na Britânia, não vão ficar nada contentes. Teremos muita sorte se não os levar a uma nova revolta declarada.

— Talvez — respondeu Macro. — Mas talvez seja também possível que se tornem mais inteligentes e percebam que não vale a pena desafiar a vontade de Roma. A morte do Carátaco vai demonstrá-lo de forma clara. Quando souberem do seu destino, ficarão dispostos a manter as cabeças baixas e a fazer aquilo que lhes é ordenado.

Ambos ficaram em silêncio por momentos, até Cato limpar a garganta.

— Mas não fico surpreendido, no fim de contas. Com os acontecimentos recentes na Britânia, o Imperador Cláudio e os seus conselheiros hão de querer aproveitar a ocasião, tanto quanto possível. As derrotas nunca caem muito bem na população.

— É verdade — anuiu Macro de forma enfática. — As tribos das montanhas deram-nos uma boa sova. Graças a Fortuna por termos conseguido escapar com tantos homens como conseguimos.

O estalajadeiro apareceu junto a eles com um pequeno jarro de vinho e duas taças de cerâmica, e pousou-os na mesa com força.

— O melhor da casa. Reservado para os clientes de qualidade que frequentam o meu estabelecimento, como os senhores.

Macro pegou na taça mais próxima e inspecionou-a rapidamente.

— Portanto, estas não devem ter grande uso.

O outro pareceu disposto a responder, mas pensou melhor e esticou a mão.

— Dez sestércios, senhor.

— Dez? — Macro deitou-lhe um olhar inamistoso. — Isso é uma roubalheira descarada.

— Não, senhor. Oferta e procura. Com essa grande festança em Roma, o palácio está a comprar todo o vinho a que consegue deitar a unha, até à última gota.

Cato pigarreou.

— Pague lá ao homem.

— Não, aguenta lá um minuto. Ele está a tentar aldrabar-nos.

— Aqui está. — Cato meteu a mão à bolsa, extraiu umas moedas e colocou-as na palma aberta do homem. — Podes ir.

Os dedos do estalajadeiro fecharam-se rapidamente em torno da prata, e ele dobrou-se todo a agradecer, recuando para o bar antes que Macro pudesse continuar a protestar. O centurião soprou as bochechas, mas deixou passar sem comentário a atitude do amigo. Em vez disso pegou no jarro, tirou-lhe a tampa de cortiça com um estalido seco e cheirou o conteúdo.

— Surpreendentemente agradável.

Encheu as taças, empurrou uma com cuidado na direção de Cato e ergueu a sua.

— Aos camaradas ausentes.

Cato ergueu a sua taça.

— Camaradas ausentes.

Os dois beberam um trago e ficaram em silêncio, enquanto recordavam a mais recente campanha através das montanhas dos deceanglos. Tinham feito parte da coluna que avançara para tentar conquistar a ilha dos druidas, Mona. Em vez disso tinham caído numa armadilha e sido forçados a retirar enquanto sucessivas tempestades de neve se abatiam sobre eles. O legado que comandava a coluna e milhares dos seus homens tinham perecido na luta desesperada para alcançar a segurança da base romana. As unidades de Cato e Macro haviam formado a retaguarda, e só um punhado dos seus homens tinha sobrevivido. O novo governador da província, Dídio Galo, ordenara-lhes que regressassem a Roma para apresentarem um relatório completo do desastre, enquanto ele tentava manter o controlo da fronteira. Dez anos depois da invasão da Britânia, muitas das tribos nativas estavam ainda muito longe de se poderem considerar conquistadas. E agora aquele último contratempo ameaçava minar a posição do Imperador, que se tinha atribuído um triunfo popular pela vitória sobre os bretões, poucos meses depois de as primeiras tropas terem desembarcado na ilha, uma década antes.

Que triunfo tão vazio se revelara aquele, considerou Cato, enquanto sorvia

mais um pouco da bebida. Havia muito boas razões para o Imperador e os seus conselheiros terem escolhido aquele momento para celebrar a derrota e captura de Carátaco. Era a política costumeira: sufocar as más notícias com outras de melhor índole, e esperar que a turba estivesse de ressaca e deixasse passar o embuste. Ou sequer se preocupasse com isso. Pão, vinho, circo e engano — o método mais que comprovado para manter o povo de Roma distraído ao ponto de se conservar dócil. Ia sem dúvida apreciar e gozar o espetáculo de abertura, onde os seus inimigos seriam executados. Mas era um fim desadequado e imerecido para Carátaco e a sua família, e tal perspectiva deixava o coração de Cato pesado como chumbo.

Presentiu alguém a aproximar-se da mesa e levantou o olhar, dando com um dos foliões da outra ponta do bar. Um homem com quarenta e poucos anos, calculou. Envergava uma velha túnica militar, e uma fita de couro mantinha presa uma espessa massa de cabelo riscado de cinzento. Na mão esquerda tinha uma taça de cerâmica, e a direita não existia; o coto na ponta do antebraço estava coberto por uma dobra de couro, da qual se projetava um gancho de ferro, à laia de dedos.

Cato engoliu o vinho que tinha na boca.

— Sim?

— Desculpe-me, senhor. Mas ali o velho Escabaro disse-me que vocês os dois acabam de regressar da Britânia. É verdade?

— Sim. E então?

— Pensei que podia vir pedir-vos algumas notícias do que se está a passar por lá. Eu estava na Nona Legião, naquele primeiro ano da invasão. Perdi a mão na batalha travada às portas de Camulodonum.

Cato assentiu.

— Lembro-me bem dessa batalha. Foi apertada. O Carátaco quase nos derrotou nesse dia.

— É bem verdade, senhor.

— Como é que te chamas?

— Marco Salino, senhor. — O homem colocou-se automaticamente em sentido ao dirigir-se a um superior hierárquico. — Optio, na Sexta Centúria, Primeira Coorte, Nona Legião... Quero eu dizer, fui, em tempos.

— À vontade, optio. — Cato sorriu. — O centurião e eu mesmo teríamos toda a honra em partilhar um copo de vinho com um antigo camarada da Nona. Senta-te.

Macro remexeu-se para lhe dar espaço, e Salino hesitou um momento, antes de aceitar a oferta. Os seus companheiros mantiveram-se a alguma distância,

enquanto Macro enchia a taça ao novo amigo. Salino acenou um agradecimento, e um fugaz olhar de preocupação passou-lhe pelo rosto enquanto ele olhava em volta da estalagem. Baixou a voz quando perguntou:

— Corre o boato de que sofremos uma pesada derrota. É verdade?

Cato manteve-se em silêncio por momentos, deliberando até que ponto devia ser discreto. Mas parecia-lhe pouco provável que houvesse um informador do palácio num antro tão escondido, a não ser que as coisas tivessem mudado desde a última vez que passara em Ostia. Além disso, ele e Macro já estavam com certeza na lista de alvos do Imperador para despejar a sua ira quando fossem fazer o seu relatório sobre a situação na Britânia. Duvidava que responder com veracidade à pergunta do veterano tornasse as coisas piores.

— É verdade. Perdemos o equivalente a uma legião, cinco mil homens, mais metade disso de auxiliares, bem como o legado da Décima Quarta. O inimigo empurrou-nos para fora das montanhas, e por esta altura é bem capaz de já estar a lançar ataques no interior da província.

Salino não conseguiu ocultar o choque, e o mesmo se passou com os seus companheiros. O velho soldado abanou a cabeça.

— Como foi tal coisa possível?

— Nunca devia ter acontecido — confirmou Macro. — A estação já ia adiantada, tínhamos pouca informação sobre o inimigo ou sobre o terreno em que avançávamos. Começou a nevar e depois o inimigo cortou-nos as linhas de abastecimento. Um desastre do caralho, do princípio ao fim.

— Mas então, senhor, porque é que a campanha foi lançada?

— A mesma velha razão de sempre. Um graduado decide pôr a posteridade à frente da realidade, e acaba por nos conduzir a todos para um charco repleto de merda. Neste caso, foi o legado Quintato. Quando o velho governador morreu, o Quintato achou que podia ficar com toda a glória, antes que chegasse um novo governador.

— Esses cabrões lixam-nos sempre — rosou Salino. — Alguém devia pagar com a cabeça por uma asneira dessas.

— Já aconteceu. O Quintato tombou em combate. No fim até se portou bem, como um verdadeiro soldado. Uma pena que tenha levado com ele tantos dos nossos camaradas. Foi a pior derrota que sofremos desde que pusemos um pé na Britânia.

— Espera aí — soltou outro dos homens na sala. — Como é que isso pôde acontecer, agora que pusemos as mãos no Carátaco? Pensava que ele era o comandante dos nativos! Têm-nos dito que, agora que ele está preso, a coisa está praticamente terminada.

Macro sorriu.

— Ora, amigo, vamos lá. Acreditas em tudo o que lês na gazeta?

— Se o Carátaco ainda estivesse por lá, teria sido muito pior — comentou Cato. — Bem pior. Temos que agradecer esse facto. Ele manteve-nos em bicos de pés por uns bons dez anos, antes de conseguirmos derrotá-lo. É um inimigo de Roma, sim, mas deu-me todas as razões para merecer o meu respeito.

Os olhos de Salino rebrilharam.

— Defrontou-o, senhor? Em batalha?

Macro soltou uma valente gargalhada, enquanto voltava a pegar no jarro e enchia a taça.

— Irmão, fomos nós quem o conseguiu capturar. Eu e o prefeito. Aprisionámo-lo numa batalha, a ele e à família.

Os olhos do veterano arregalaram-se, e depois ele sorriu.

— Porra, então vocês são um par de heróis. Ouviram isso, rapazes? Estamos em presença dos homens que apanharam o maior inimigo de Roma! À sua, centurião, e a si, senhor. — O homem deu uma cacetada na própria cabeça com o gancho de ferro, e piscou o olho. — E nem sequer sei os vossos nomes. Senhor?

— Centurião Lúcio Cornélio Macro, e o prefeito Quinto Licínio Cato, ao teu serviço.

O veterano levantou a taça.

— Rapazes, um viva ao centurião Macro e ao prefeito Cato!

Ouviu-se um coro ensurdecidor dos seus camaradas, que ergueram também as taças, derramando líquido, antes de entoarem os nomes dos seus novos heróis e de esvaziarem os recipientes. Macro devolveu-lhes o brinde, enquanto Cato se forçava a sorrir, tendo bem presente o facto de que, embora tivessem de facto capturado o comandante inimigo, Carátaco tinha escapado à sua custódia, e tivera que ser encontrado e novamente capturado. Um assunto que preferia não ver mencionado. Acenou em agradecimento a Salino e aos outros. O veterano resolveu dar-lhe atenção, e inclinou-se para ele.

— Então como é ele, esse Carátaco? Já ouvi dizer que é um verdadeiro gigante, e que tem o corpo coberto daquelas tatuagens de merda de que os nativos gostam, e que leva à sela as cabeças dos homens que derrotou. E que afiou os dentes. Isso, e que tomou parte nos sacrifícios humanos que os cabrões dos druidas fazem. É verdade?

Cato não evitou uma breve gargalhada.

— O que é que tu achas? Isso parece-te a descrição de algum dos homens daqueles que combatemos na Britânia? Ou noutra parte qualquer do Império,

já que falamos nisso? O Carátaco é apenas um homem, um soldado, como tu e eu. Não é nenhum gigante, não é um selvagem dos montes, nem sequer se pode dizer que seja um bárbaro. Só um homem, que liderava o seu povo na luta contra invasores que foram conquistar a sua terra e reduzi-lo à escravatura. No lugar dele, teríamos feito o mesmo... E isto é tudo o que tenho a dizer sobre esse tema — concluiu Cato, e vazou o copo de um trago, antes de se dedicar a contemplar o depósito no fundo da taça.

Salino fitou-o de boca ligeiramente aberta, e depois virou-se para Macro, que coçou o queixo antes de oferecer uma desculpa.

— Foi uma longa viagem. Adorava ficar à conversa com um velho camarada, mas temos assuntos a tratar em Roma. Portanto, o melhor é acabarmos as bebidas e pormo-nos a andar.

O veterano percebeu a ideia, esvaziou a taça e levantou-se do banco.

— Foi uma honra. Espero sinceramente que o Imperador vos dê a recompensa que bem merecem.

— Seria sem dúvida uma agradável mudança — ripostou Macro, de forma vaga. — Mas essa história terá que ficar para outra altura, irmão Salino.

— Nesse caso, se regressarem por Ostia, procurem por mim aqui na estalagem. Ofereço-lhe um jarro de bom vinho, senhor, à sua escolha.

Macro sorriu abertamente.

— Sendo assim, podes ter a certeza que volto.

Estendeu a mão e trocou um aperto de antebraço com o veterano, antes de este dobrar o pescoço na direção de Cato.

— Espero voltar a vê-lo, senhor.

— O quê? — Cato levantou o olhar, lembrou-se de onde estava e acenou. — Sim, claro.

Enquanto Salino conduzia os seus camaradas de volta ao posto que ocupavam na ponta do bar, numa disposição um tanto mais calma, Macro soltou um profundo suspiro.

— Bom trabalho. Acabaste com a festa num ápice. E eu a pensar que íamos passar a noite a beber à conta de outros.

Cato abanou a cabeça lentamente.

— Desculpe. Estava muito longe daqui.

Macro suspirou, resignado.

— Miúdo, é perfeitamente natural que sintas a falta dela. Eu entendo.

— Sim... — Cato aclarou a garganta e prosseguiu. — E depois, há o Lúcio. Sou um pai que nunca viu o filho. Não sei bem como reagir. Não sei bem o que sinto por ele. — Olhou para cima. — Macro, meu amigo, não tenho ideia

de como lidar com isto. Quando estávamos na Britânia, ansiava por regressar a Roma. Mas agora, que cá estamos, nada me faz pensar que estou em casa. Nada tenho a fazer aqui senão lamentar-me, e o mundo parece um sítio muito escuro... Desculpe. — Sorriu, sentindo-se culpado. — Devo fazer-lhe lembrar aquele patético recruta que conheceu naquela tarde de frio inverno na fronteira do Reno, que não conseguia parar de tremer.

Macro ergueu uma sobrancelha.

— Bom, não ia falar nisso, mas... Olha, deixa-me lá encher-te o copo.

Cato suspirou.

— Acha que isso vai mesmo ajudar?

— Quem sabe? Mas de certeza que não vai piorar as coisas. Pois não?

Cato lá conseguiu soltar uma risada, e beberam mais um pouco antes de Macro prosseguir.

— Miúdo, já te conheço há mais de dez anos. Ao longo desse tempo, foram poucas as coisas que não conseguiste enfrentar. Não houve nenhum desafio que não fosses capaz de enfrentar e ultrapassar. Eu sei que isto é diferente, e que te parece que algum sacana te rasgou todo por dentro, mas a vida continua. Sempre. A Júlia era uma miúda adorável. E sei que a amaste tanto como a própria vida. Via-se isso, eu via isso. E, como teu amigo, partilho a tua dor. Mas tens um filho que precisa de ti. E outras campanhas virão, onde eu e os homens que comandas vamos também precisar de ti. Percebes o que estou a tentar dizer-te? — Macro esfregou a testa enrugada. — Foda-se, não tenho jeito com as palavras. Jeito nenhum, de todo.

Cato sorriu.

— Diz aquilo que é preciso dizer. E eu acho que percebo. Embora não tenha a certeza de que você o perceba.

O amigo fez uma careta, não respondeu, e depois soltou um lamento.

— Bom, vou ficar-me pelas coisas de soldado, então. Pelo menos disso percebo eu bem.

— Oh, sim. Não há dúvidas quanto a isso.

Depois de uma breve pausa, Macro levantou o jarro e agitou-o; lá dentro havia um resto de líquido a dançar de um lado para o outro. Despejou-o na sua taça a esvaziou-a de um trago, antes de a pousar, enquanto fazia estalar os lábios.

— Ora bem. Acabou o tempo das lamentações. Vamos é fazer-nos ao caminho.